



A AUTONOMIA TECNOLÓGICA NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO: OFERTA CURRICULAR SEMI- PRESENCIAL EM CURSOS PRESENCIAIS DE GRADUAÇÃO

Marcus Túlio de Freitas Pinheiro¹

Kathia Marise Borges Sales²

RESUMO

O presente trabalho apresenta e analisa a experiência da Universidade do Estado da Bahia - UNEB com a implantação de componentes curriculares na modalidade a distancia em seus cursos presenciais, associando essa experiência à possibilidade de criação e manutenção de objetos de aprendizagem emergentes da condição formativa de superação do contexto utilitário para o contexto de composições digitais baseadas na autonomia tecnológica. Desenvolve reflexões sobre os processos formativos desenvolvidos no ensino superior, relacionando as demandas contemporâneas de formação, o uso das TIC e o desenvolvimento da autonomia tecnológica.

Palavras-chave: Tecnologia. Educação a distancia. Autonomia.

AUTONOMY IN TECHNOLOGICAL PROCESSES OF EDUCATION: SEMI-OFFER CURRICULUM OFFER HALF-FACE IN UNDERGRADUATE CLASSROOM COURSES

ABSTRACT

This paper presents and analyzes the experience of the University of Bahia - UNEB with the implementation of curriculum components in the distance mode in their classroom courses, linking this experience to the possibility of creating and maintaining learning objects emerging from the training to overcome the utility of the context for the context of digital compositions based on technological autonomy. Develops reflections on the formative processes in higher education, relating the contemporary demands of training, the use of information and communication technologies and the development of technological autonomy.

Keywords: Technology. Distance Learning. Autonomy.

¹ Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Físico, Mestre em Engenharia de Produção (UFSC), Doutorando em Educação(UFBA), mtpinheiro@uneb.br

² Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Pedagoga, Mestre em Mídia e Conhecimento (UFSC) e Doutoranda em Difusão do Conhecimento – DMMDC (UFBA/UNEB/UEFS/IFBA/LNCC/SENAI) ; kmarise@uneb.br.

INTRODUÇÃO

O uso das Tecnologias da Comunicação e Informação - TIC na geração e difusão do conhecimento é uma realidade na sociedade contemporânea. Discussões como ambientes virtuais de aprendizagem, docência *online* e aprendizagem à distância, fazem parte dos documentos norteadores das políticas públicas de educação em nosso país, bem como são objeto de investigação do mundo acadêmico. Neste texto, busca-se analisar a configuração do contexto educacional baseado em ensino a distância que traz à tona questões de utilização e interação com as tecnologias da comunicação e informação contemporâneas, através da análise de uma experiência em desenvolvimento na Universidade do Estado da Bahia, de oferta semi-presencial em cursos presenciais de graduação.

A Universidade do Estado da Bahia - UNEB tem já uma cultura incorporada de utilização das TIC em suas atividades acadêmicas, com grupo de pesquisa consolidado no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, vasta produção publicada e utilização de Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA (*moodle*) nos cursos presenciais e à distância, em atividades de extensão e ensino de graduação e pós-graduação.

Também com produção acadêmica consolidada, a educação a distância no ensino de graduação se tornou prática na UNEB desde 2006, a partir de programas conveniados com outras instituições (Banco do Brasil, SEC/BA, CAPES/MEC, SECAD/MEC e outros). Embora no momento atual a maior parte da oferta de EaD pela UNEB seja originária destes convênios com outras instituições, é projeto da Universidade - expressa em documentos norteadores do planejamento institucional - incorporar esta modalidade de ensino como oferta contínua, construindo uma infraestrutura e constituindo uma cultura específica para tal, ampliando assim a sua possibilidade de oferta e abrangência regional e fortalecendo seu papel/missão de ampliar o acesso ao ensino superior no estado.

A partir do semestre 2010.2 a Pró-reitoria de Ensino de Graduação – PROGRAD iniciou o Projeto de oferta de componentes curriculares na modalidade semi-presencial, para os cursos

presenciais de graduação, amparando-se no art. 81 da Lei nº. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e na Portaria do MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004, cujo teor, estabelece que

As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial.

Como Política de Ensino de Graduação, esta Pró-reitoria incorpora o ensino semi-presencial como um potencial de qualificação do currículo, que oferece variados caminhos para a diversificação da oferta e construção em rede, tão almejados em uma perspectiva curricular contemporânea, especialmente para uma Universidade que tem a inclusão em sua identidade.

A inserção no mundo das tecnologias conectadas é um caminho importante para preparar as pessoas para o mundo atual, para uma sociedade complexa, que exige domínio das linguagens e recursos digitais. Em educação não podemos esperar que todos os outros problemas sejam equacionados, para só depois ingressar nas redes(...). Alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual: do acesso à informação variada e disponível de forma online, da pesquisa rápida em bases de dados, bibliotecas digitais, portais educacionais. Estão fora da participação em comunidades de interesse, de debates e publicações online. Enfim, da variada oferta de serviços digitais. (MORAN, 2011).

Desenvolvendo esta modalidade de oferta nos cursos presenciais de graduação – Licenciaturas e Bacharelados, em diversificados cursos e componentes curriculares (vide Tabela 1) a Pró-reitoria de Ensino de Graduação/PROGRAD desenvolve permanente processo de acompanhamento e avaliação desta, a partir da escuta dos atores envolvidos - Colegiados de Curso, docentes e discentes – e dos registros no AVA específico do projeto, com gestão sob a responsabilidade da Gerência de Desenvolvimento de EaD – GDEAD/PROGRAD.

Trabalhando até este momento com a exigência de perfil docente com formação ou experiência em EaD ou uso das TIC em processos educacionais, buscamos aqui refletir sobre a autonomia tecnológica docente como elemento constitutivo da prática pedagógica

contemporânea, em especial em ofertas mediadas pelas TIC, identificando a ausência ou níveis de presença desta autonomia na experiência em análise, seus indicativos e reflexos.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA - CRIAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS E CONCEITOS DO MUNDO DIGITAL

Iniciamos esta reflexão pela contextualização histórica dos eventos e de como indivíduos que participaram desse momento de efervescência da convergência digital se apresentavam e se apropriavam da tendência de criação e utilização de ferramentas e conceitos do mundo digital.

Nos meados da década de oitenta, o que imperava no mundo da tecnologia da informação era o tratamento de dados e a criação de sistemas integrados baseados em computadores de grande porte com considerável poder de processamento. Como a estrutura era robusta, a tendência natural era de centralizar em um determinado espaço físico as máquinas responsáveis pelo tratamento dos dados e gerações das informações, os famosos CPDs – Centros de Processamento de Dados. Nesse contexto a informática e seus asseclas - analistas, programadores, digitadores e operadores - emergiam como um corpo que aliava à tecnologia, o conhecimento restrito e uma pretensa e bem sucedida visão de poder e de controle. O “pessoal do CPD” era considerado pela comunidade como verdadeiros “Deuses” da informação e detentores dos segredos operacionais e gerenciais do mundo digital. Nada era simples e acessível. A autonomia desses técnicos ultrapassava as barreiras da tecnologia e alcançavam as esferas do poder de decisão nas organizações do mundo do trabalho.

No final da década de oitenta e início da década de noventa foi possível vivenciar uma reestruturação desses espaços fechados dos Centros de Processamento de Dados. A chegada da microinformática e a simplificação da tecnologia das redes de computadores fizeram esse mundo fechado ruir e com essa abertura dos CPDs, surge um novo relacionamento com tecnologias digitais, aparece no cenário o que comumente chamamos de usuários finais, indivíduos que não fazem parte da produção de tecnologias digitais, mas que as utilizam para produzir “composições digitais”. Utilizamos esse termo para representar as produções de

textos, imagens, sons, vídeos, hipertextos, aulas e tantas outras criações de natureza digital. O que se coloca a partir desse ponto é o que todos vivenciamos na década seguinte: uma evolução estrondosa das redes e uma convergência quase que incontrolável dos ambientes digitais. Esse movimento faz surgir uma relação poderosa entre a tecnologia da informação e a tecnologia da comunicação, que passam a ser tratadas quase como uma coisa só, principalmente pelos usuários finais, é o que usualmente chama-se de Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC.

Para Nicolescu (1999:85), “O limite de nosso corpo, o de nosso próprio cérebro acaba de ser transposto”. Segundo este autor, a mente do ser humano projetou-se materialmente para fora dele, produzindo resultados diferentes dos chamados “naturais”. Estes resultados dos avanços da tecnociência, da conquista do espaço à realidade virtual, construíram uma verdadeira *tecno-natureza*.

Refletindo sobre a compreensão de tecnologia, Lima Jr (2005) a concebe com um caráter proposicional que, acredita, supera as compreensões correntes de considerá-la a partir da sua base material, como potencializadora do trabalho e das habilidades humanas, ou no sentido mecânico, instrumental, como se a mesma fosse independente da subjetividade humana. Nesta perspectiva, a tecnologia é inerente ao ser humano que, por sua vez, “a cria dentro de um complexo humano-coisas-instituições-sociedade” (p. 15), consistindo em um processo criativo para a resolução e superação de problemas, no qual o ser humano utiliza recursos materiais e imateriais ou os cria a partir do que tem disponibilizado na natureza e no contexto que vivencia.

Compreendemos tecnologia como ação/produção humana, em constante e dialética inter-influência. No contexto contemporâneo, em que o cotidiano é permeado por mediações tecnológicas diversas, as formas de ser, construir, trocar, perceber o mundo, são determinadas e determinam as alterações tecnológicas. Não se trata de simples utilização de aparato instrumental, mas de formas outras de ação sobre os fenômenos sociais e a produção do conhecimento.

Essa pequena contextualização histórica busca trazer o sentido de produção em ambientes digitais e de produção de tecnologias digitais. Os criadores não deixaram de existir. É ingênuo pensar que o domínio da utilização de uma ou duas ferramentas informacionais baseadas em tecnologias digitais faz de alguém um indivíduo emancipado no mundo das TIC. Emancipação real implica em ação crítica e consciente, construção, autoria. Assim como em qualquer outro espaço humano, as tecnologias (aqui as digitais) são utilizadas pelo homem em função dos seus objetivos, limites e potencialidades, estes sim, determinantes de um maior ou menor grau de emancipação.

A percepção ingênua sobre a utilização das TIC traz uma apropriação superficial de conceitos e de visão de mundo nas construções de elaborados trabalhos no âmbito da educação - campo de estudo deste texto. Mas poderíamos expandir essa percepção para outros campos que também se apropriaram do contexto das TIC, como um objeto de releitura dos processos sociais.

Não trazemos aqui uma negação aos convictos trabalhos, mas registramos o incômodo que nos aflora frente à apropriação de meras ferramentas como verdades absolutas que baseiam conceitos como interação, mediação, colaboração. Ferramentas essas que consideramos efêmeras apresentam um ciclo de vida breve, resignificadas a cada versão.

A real interatividade, como a defendemos, capaz de proporcionar/desafiar a autonomia tecnológica, implica na transformação do modelo comunicacional hegemônico na educação formal, em direção a um modelo capaz de promover participação-intervenção, participação compreendida como ação de modificação da mensagem. Um modelo de comunicação em que esta “é produção conjunta da emissão e da recepção” em que o emissor “oferece informações em redes de conexões permitindo ao receptor ampla liberdade de associações e de significações”. (SILVA, 2002:158),

A perspectiva de superação do contexto utilitário para o contexto da autonomia de composições de objetos de aprendizagem é uma forte referência buscada no processo formativo da Universidade do Estado da Bahia. A ação descrita a seguir, converge nesse sentido.

A OFERTA DE COMPONENTES CURRICULARES NA MODALIDADE SEMI-PRESENCIAL – APRESENTANDO A ETAPA PILOTO DE CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA

Objetivos e princípios do Projeto

Possuindo uma significativa rede de oferta de cursos de graduação presencial e à distância, de oferta contínua e projetos especiais, o ensino de graduação na UNEB apresenta-se fértil em potencialidades ainda não aproveitadas em função da complexidade das suas demandas de gestão e comunicação. A gestão dos currículos e processos formativos deve prever uma maior integração entre as diferentes modalidades e formatos de oferta³. Esta integração permite/provoca um rico fluxo de partilha de experiências, otimização dos recursos humanos qualificados e culturas específicas consolidadas em determinados Departamentos e regiões do estado da Bahia, possibilitando assim a gestão e difusão do conhecimento dentro da Universidade e com parceiros externos.

A perspectiva que aqui se apresenta em relação ao conhecimento é da superação de toda forma de reducionismo e imposição de um saber único e definitivo, em prol da afirmação de um saber sempre provisório e relacional, constituído a partir dos contextos e da subjetividade dos sujeitos que o constroem. Um saber que se compreende desde o seu nascedouro como incompleto, tentativa, possibilidade de compreensão de fenômenos complexos e incertos, constituintes de uma realidade sempre inacabada e caótica, cheia de paradoxos e contradições da ordem e da desordem, da parte e do todo, do singular e do plural. (MORIN, 2003). Uma perspectiva que também reconhece a existência de diferentes e diversos “conhecimentos”, que convivem por vezes em um mesmo contexto espaço-temporal, em uma relação sempre dialética, complexa, afetando e sendo afetados mutuamente.

A oferta de até 20% da carga horária dos cursos presenciais na modalidade semi-presencial – conforme previsto na legislação já citada - é um caminho rico em possibilidades de diversificação da oferta de componentes curriculares. Projetos curriculares concebidos para oferecer uma diversidade de experiências formativas, acesso a diferentes e específicos saberes,

³ Cursos presenciais e a distância, atividades curriculares e extra-curriculares, atividades de ensino, de pesquisa ou de extensão, graduação e pós-graduação etc.

ficam empobrecidos em sua vivência em função das especialidades de formação do corpo docente, principalmente em Departamentos situados no interior do estado, nos quais a consolidação de um núcleo docente é mais difícil. Embora tendo um corpo docente bastante qualificado e de áreas as mais diversas, a localização física destes profissionais em determinado *campus* da Universidade, restringe sua atuação direta (seja no ensino, na pesquisa ou na extensão) àquele espaço acadêmico geograficamente delimitado.

Os avanços tecnológicos oferecem várias ferramentas de comunicação e gerenciamento da informação, em redes de interação que se caracterizam por permitir a troca de informações e construção coletiva de conhecimentos. Para Gadotti (2000), as novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento, permitindo às pessoas “(...) acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem à distância, buscar ‘fora’ – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento”.

A incorporação das TIC no cotidiano das atividades acadêmicas dos cursos de graduação, bem como a oferta de até 20% da carga horária dos cursos presenciais na modalidade à distância são caminhos necessários à vivência acadêmica contemporânea. Ricos em possibilidades, esses caminhos proporcionam além da diversificação da oferta de componentes curriculares, a integração entre os diversos cursos, programas e modalidades de ensino de graduação, além de provocar uma ampliação no fluxo comunicacional e de gestão e difusão do conhecimento.

Ressalte-se ainda que este formato de oferta oportuniza aos discentes em formação a vivência em outros espaços formativos, em tempos diferenciados de acordo com sua autonomia de aprendizagem, e em contato direto com as possibilidades de mediação pedagógica das TIC, o que os aproxima de uma maior compreensão das demandas contemporâneas. As experiências formativas que constituem o campo de construção de conhecimento pelos sujeitos ocorrem nos mais diversos espaços e podem ser tão mais ricas e desafiantes quanto a diversidade destes espaços. Pensar em formação para o contexto contemporâneo da chamada “Sociedade da Informação” implica no desenvolvimento de processos comunicacionais e relacionais capazes de

permitir ao sujeito efetivas condições de participação neste universo, entre elas, o desenvolvimento da autonomia tecnológica.

Processo de construção do modelo/experiência – o desenho da UNEB

Considerando a necessidade de construção de um formato para esta modalidade de oferta que atenda às especificidades da UNEB (perfil, histórico, *multicampi*, política institucional, cultura acadêmica, regulamentação, entre outros), pautando-se pelos princípios da qualidade e responsabilidade social, a PROGRAD optou por um caminho processual e criterioso, agregando o conhecimento técnico do seu corpo docente e a parceria com os Colegiados/Departamentos.

A partir da constituição de um Grupo de Trabalho - GT específico para construção desta proposta e acompanhamento do processo, teve início em 2010.2 a etapa piloto da oferta de componentes curriculares na modalidade semi-presencial, para os cursos presenciais/oferta contínua de graduação. Neste GT – composto por representantes da equipe da PROGRAD e docentes com formação e experiência na área de EaD e TIC em educação - foram definidos os critérios e procedimentos desta oferta, reavaliados durante todo o processo, subsidiando a construção de um Programa Institucional para a graduação da UNEB.

Neste início de processo foram adotados dois desenhos metodológicos diferenciados, um especificamente para a oferta da componente curricular Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outro para os demais componentes curriculares. No presente texto relatamos e avaliamos o desenho dos demais componentes, tendo em vista a especificidade da oferta de LIBRAS⁴.

Atentos ao princípio do respeito às especificidades da UNEB e seu compromisso social, o processo de acompanhamento da oferta piloto e construção do Programa Institucional para a oferta semi-presencial desenvolve-se em formato de gestão colegiada com adesão espontânea dos Cursos/Colegiados/Departamentos. Semestralmente a PROGRAD, através das suas

⁴ A avaliação específica deste desenho metodológico de oferta foi apresentada no XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN (2011), com o título “Oferta de Componentes Curriculares na Modalidade Semi-Presencial: a Experiência do Ensino de Libras nos Cursos Presenciais de Graduação da UNEB”, sob a forma de artigo, constando dos Anais do referido evento. Autores: Miranda, Dayse Lago; Oliveira, Danila Vasconcelos e Sales, Kathia Marise B.

Gerências de Desenvolvimento de EaD – GDEAD, e de Gestão de Currículos – GGCA, define um período para adesão e divulga este convite à comunidade acadêmica. A partir de critérios e procedimentos definidos e aperfeiçoados a cada etapa, mediante a avaliação processual, Departamentos, Colegiados, Cursos e docentes vão sendo incorporados ao projeto, tornando-se atores desta construção. A Tabela 1 demonstra a diversidade de Departamentos e áreas atingidos pelo Projeto.

Semestre	Departamentos	Cursos	Componentes	No de Docentes	No. de discentes
2010.2	<ul style="list-style-type: none"> o DCET - CAMPUS II o DEDC - CAMPUS VII o DEDC - CAMPUS VIII o DEDC - CAMPUS XIV o DEDC - CAMPUS XIX 	<ul style="list-style-type: none"> o Análise de Sistemas o Bacharelado em Ciências Contábeis o Curso de Engenharia de Pesca o Letras - Licenciatura, Habilitação Em Língua Inglesa E Literaturas 	<ul style="list-style-type: none"> o Estatística I o Estatística II o Leitura e Produção Textual o Tópicos de Informática IV o Informática Aplicada o Matemática III 	04	98
2011.1	<ul style="list-style-type: none"> o DCET - CAMPUS II o DEDC - CAMPUS II o DEDC - CAMPUS VII o DCH - CAMPUS IX o DEDC - CAMPUS XIII o DEDC - CAMPUS XIV o DEDC - CAMPUS XVI 	<ul style="list-style-type: none"> o Análise de Sistemas o Letras, Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas o Bacharelado em Ciências Contábeis o Licenciatura em Pedagogia 	<ul style="list-style-type: none"> o Auditorias de Sistemas o Engenharia de Software o Logística Empresarial o Novas Tec. e Ed. a Distância No Ensino de Língua e Lit. Inglesas o Tecnologia da Informação e Comunicação o Tópicos de Informática I o Tópicos de Informática IV (Multimídia) 	08	240
2011.2	<ul style="list-style-type: none"> o DEDC - CAMPUS I o DCH - CAMPUS I o DEDC - CAMPUS II o DCET - CAMPUS II o DEDC - CAMPUS XI o DEDC - CAMPUS XV 	<ul style="list-style-type: none"> o Bacharelado em Ciências Contábeis o Licenciatura em Pedagogia o Letras, Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas o Bacharelado em Administração o Análise de Sistemas 	<ul style="list-style-type: none"> o Administração De Materiais o Auditoria Fiscal o Auditoria Privada o Auditorias De Sistemas o Compiladores o Educação E Relações Étnico-Raciais o Estudo Comparativo Da Literatura De Língua Inglesa E Língua Materna o Organização De Arquivos o Organização E Métodos o Tecnologia Da Informação E Comunicação o Tecnologia Da Informação E Comunicação o Tópicos De Informática IV 	11	420*

Tabela 1: Oferta de componentes semi-presenciais nos cursos presenciais de graduação (GDEAD/PROGRAD/UNEB)

Dentre os critérios e procedimentos, divulgados no convite oficial à adesão, destacam-se:

1. Garantia de infraestrutura (Laboratório de Informática com acesso aos discentes; espaço adequado para o uso do equipamento de videoconferência em atividades de ensino; estrutura necessária para realização dos Encontros Presenciais; reserva de horário na programação do Colegiado para realização das videoconferências e Encontros Presenciais).
2. Acompanhamento e assessoria da Coordenação do Colegiado de Curso – instância regimentalmente responsável pelo acompanhamento pedagógico/acadêmico das atividades dos cursos de graduação - para suporte às atividades (está prevista no calendário a formação/orientação específica aos coordenadores de curso).
3. Disponibilização do docente e apoio do Departamento para participação dos mesmos nos encontros de Planejamento e Acompanhamento, a realizar-se no Campus I/ SSA⁵.
4. Indicação de docentes com experiência ou formação na área da Educação à Distância / Tecnologias da Comunicação e Informação na Educação.
5. Turmas composta de um mínimo de vinte e máximo de trinta alunos. (GDEAD/PROGRAD, 2011).

A necessidade da formação ou experiência do docente foi colocada como condição desde o início do processo, considerando a sabida existência de muitos profissionais com este perfil, em atuação na instituição. Com o desenvolvimento do projeto, entretanto, docentes que ainda não têm este perfil vêm requisitando a oportunidade de formação para assunção deste exercício.

A restrição do número total de alunos se justifica pelo desenho metodológico adotado - 01 docente para cada turma - sendo responsabilidade deste docente a mediação pedagógica no AVA e o processo de avaliação das atividades presenciais e à distância, implicando assim uma relação quantitativa que garanta a qualidade deste acompanhamento.

A parceria com os Colegiados de Curso no acompanhamento do processo foi também prevista desde o início e reforçada a cada semestre, dentro do princípio da gestão colaborativa e também em função do caráter *multicampi* da UNEB, por ser esta a instância fisicamente próxima do corpo discente e da realização de atividades presenciais.

⁵ Sendo uma Universidade multicampi, com *Campus* localizados em vinte e quatro diferentes cidades do interior do estado da Bahia, a distância de alguns desses *Campus* até o *Campus* I, no qual fica a sede da administração da Universidade, pode ultrapassar os mil quilômetros.

O acompanhamento do desenvolvimento das atividades ocorre então pelos seguintes meios:

- Reuniões sistemáticas com os docentes para planejamento, acompanhamento e avaliação;
- Formação e orientação às Coordenações de Colegiado para, em um fluxo contínuo, acompanharem e gestarem esta oferta em cada curso específico;
- Acompanhamento contínuo do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, estruturado e gestado na GDEAD/PROGRAD, na plataforma *moodle*.
- Escuta ao corpo discente em livres manifestações no AVA e em questionário específico disponibilizado neste mesmo espaço, ao fim de cada semestre.

AUTONOMIA TECNOLÓGICA DIGITAL – APONTANDO CAMINHOS

Neste ponto da reflexão surge então uma indagação pertinente: como tratar conceitos basilares como autoria, produção de composições e construção do conhecimento, a partir das tecnologias digitais? A resposta talvez esteja na apropriação não das ferramentas, mas das técnicas de criação de tecnologias digitais, que denominamos aqui de “autonomia tecnológica digital”. O entendimento da construção de ferramentas digitais é uma forma emancipadora de concepção dos processos que envolvem essa construção. As categorias que surgem a partir dessa percepção são mais estruturantes que as percepções de uma mera utilização de um software aplicativo. O domínio de técnicas de tratamento de dados, de lógicas voltadas para o desenvolvimento de softwares é de fundamental importância para a construção de categorias teóricas oriundas do meio digital. Um posicionamento crítico sobre um objeto digital não pode estar somente alicerçado a partir de uma visão de usuário final, de uma concepção superficial de utilização.

Um exemplo bastante comum é a apologia aos softwares livres, como algo libertador em detrimento aos softwares proprietários. Essa visão é bastante ingênua, tanto os softwares livres quanto os proprietários são elementos fechados. O segundo por leis de propriedade privada e por um código não compartilhado. O primeiro tem o código compartilhado, porém

quem se apropria dele? Quem consegue ajudar a construir esse compartilhamento, certamente que não são os usuários finais que muitas vezes são autores de maravilhosos trabalhos de apologia aos softwares livres. Faz-se necessário aqui um esclarecimento: somos defensores incontestes dos softwares livres. O que colocamos é o caráter emancipatório para se tratar de questões que envolvem o contexto digital.

Uma natural reação é a seguinte: O olhar do pesquisador está na apropriação social dessas ferramentas e não na construção das mesmas. É interessante essa colocação, mas não exige do olhar desse pesquisador o caráter superficial. A autonomia tecnológica traz novas vivências e uma desmistificação do ambiente digital. Desnuda a forma como são edificados os sistemas de informação e comunicação, desvenda os mistérios da relatividade dos dados e dos repositórios e traz à tona a muito pouco ingênua mineração de dados para a criação de perfis sociais e econômicos a partir dos grandes centros de dados. Como dito anteriormente “o pessoal do CPD” não deixou de existir, eles estão em ambientes velados, protegidos por visões estereotipadas de interações, colaborações e mediações. Ainda são os detentores do conhecimento estruturante da informática, e não estão mais confinados em empresas locais, estão na rede, estão atrás dos softwares privados e livres. Mesmo que a recompensa não seja monetária, o sentido de poder ultrapassa qualquer cifra.

O que propomos a partir do que foi colocado anteriormente, é que o ator do espaço educacional não se limite a ser um mero usuário final, que se coloque em uma posição de emancipação, que seja capaz de se libertar de ambientes que limitam a sua atuação e sua maneira de pensar. Esses ambientes são formatados, preconcebidos, estipulados e negam a essência da ideografia dinâmica, que é a liberdade de compor, de convergir na sua composição os elementos digitais sem amarras e sem pré-formatações.

A ideografia dinâmica para Levy (2004), não é um sistema enciclopédico universal centralizado ativado por um pequeno número de criadores, é um conjunto de microdicionários locais cada qual sendo reproduzido, mantido e reelaborado por enunciadores nativos. Para isso é necessário conhecer ferramentas estruturantes de suporte, talvez a princípio não como “os criadores”, mas tendo sempre em vista uma autonomia de criação e não de utilização.

O desenvolvimento cognitivo do sujeito, segundo Vygotsky (2007), está diretamente relacionado à apropriação, ressignificação e utilização de signos e símbolos. Diferente dos animais, o homem transforma a natureza fazendo com que esta sirva aos seus propósitos, cria e desenvolve símbolos e signos como instrumento de mediação com o ambiente. Na sociedade tecnologicada, os elementos digitais constituem vasto campo de signos que, apropriados verdadeiramente pelos sujeitos, permitem o desenvolvimento das funções superiores complexas, construções/elaborações/transformações que garantem a autonomia intelectual e política do sujeito. Quanto mais instrumentos e signos o sujeito se apropria, mais se amplia sua capacidade de aprender, transformar, resignificar, atuar sobre o mundo.

INSTITUINDO UMA NOVA CULTURA FORMATIVA - AVALIANDO O PROCESSO

A universidade do estado da Bahia - UNEB, através da sua Gerência de Desenvolvimento em Educação a Distância - GDEAD vem dedicando boa parte dos seus estudos ao movimento emancipador de promover a autonomia tecnológica em suas ações. O projeto da oferta de componentes curriculares na modalidade semi-presencial busca desenvolver e fomentar experiências criativas e práticas pedagógicas que oportunizem a construção colaborativa e o desenvolvimento de competência autoral nos sujeitos (docentes e discentes).

Com parte de suas atividades à distância desenvolvidas no AVA, a utilização que os docentes fazem dos recursos e potencial de interação e mediação pedagógica disponíveis neste ambiente, é indicativo de seu perfil de autonomia, bem como da possibilidade de desenvolvimento desta nos discentes. A Tabela 2 é representativa da ampliação/diversificação de ferramentas utilizadas nas disciplinas ofertadas na modalidade semi-presencial nos dois primeiros semestres de desenvolvimento do Projeto.

ATIVIDADES DO MOODLE	SEMESTRE	
	2010.2	2011.1
	1. Fórum 2. Tarefa 3. Chat 4. Escolha/Enquete 5. Questionário	1. Fórum 2. Tarefa 3. Chat 4. Escolha/Enquete 5. Scorm (palavra cruzada) 6. Questionário 7. Base de Dados 8. Wiki 9. Diário 10. Glossário

Tabela 2 Quadro de recursos utilizados no moodle (GDEAD/PROGRAD/UNEB,2011)

Sabemos que a simples utilização dos recursos tecnológicos não garante por si, o desenvolvimento de uma prática interativa e que promova a autonomia tecnológica, entretanto, podemos considerar que a ampliação e diversificação dos recursos podem indicar a busca por espaços dialógicos de construção, nos quais os sujeitos tenham possibilidade de uma participação real, que implica ação e autonomia.

Além do AVA específico, outros recursos/ferramentas de mediação tecnológica disponíveis na *web* são também utilizados no desenvolvimento destas disciplinas, a exemplo do *Youtube*, de *Blogs*, *wikipédia*, Correio eletrônico (e-mail), etc. A rede de Videoconferência da Universidade foi outro recurso bastante utilizado, especialmente no caso dos docentes não lotados no mesmo Departamento/cidade da turma discente.

Nas avaliações desenvolvidas com os docentes, estes revelam como principal dificuldade para o desenvolvimento de atividades à distância (inclusive as que têm mediação tecnológica) a resistência da comunidade universitária em geral e em especial a postura dos discentes. A constituição de uma nova cultura é um processo complexo, de médio a longo prazo, e sujeito a muitas variáveis. Como pode ser visto a seguir, esta resistência e dificuldades ficam claras nas falas dos discentes, ao avaliarem a experiência vivenciada (em questionário específico desenvolvido com esta finalidade e disponibilizado no AVA).

Acostumados às práticas e relações estabelecidas no curso presencial, os discentes resistem a acessar o AVA com a regularidade desejável e reclamam a presença física do

professor, presos à perspectiva do “aulismo”, da necessidade da atuação física do professor em horário e local comuns:

Com certeza, essa modalidade de ensino contribui para a minha formação. É importante deixar claro que, o professor orientador realize mais aulas presenciais, para ensinar e tirar as dúvidas precisas (respostas de 01 discente ao questionário de avaliação postado no AVA)

Entretanto, paralelo ao estranhamento com o novo, percebe-se nos discentes uma postura receptiva e o reconhecimento do potencial da mediação tecnológica, o que pode indicar o início de um processo de ressignificação dos conceitos e expectativas relacionados ao processo formativo e a abertura para novas práticas, nas quais a autonomia de aprendizado – e a autonomia tecnológica – sejam incorporadas:

Além de dar mais tempo para nós estudarmos, a modalidade semi-presencial nos motiva a buscar e pesquisar mais sobre determinado assunto.
A flexibilidade do tempo é o ponto mais positivo
A disciplina é de extrema importância no processo ensino aprendizagem, pois a era tecnológica faz parte do nosso cotidiano e se faz necessário esta conexão junto com as tecnologias rumo ao mundo cibernético. (respostas dos discentes ao questionário de avaliação postado no AVA)

O processo encontra-se ainda no início e certamente há muito a avançar na constituição destas novas práticas e mais ainda, de uma nova cultura. Pensar esse processo implica em pensar no próprio conceito de cultura. Construção social, fruto espontâneo de sujeitos/atores em um dado contexto e momento histórico, a cultura pode ser considerada como um “caldo de imersão” no qual os sujeitos interagem dialeticamente, em um processo permanente e sempre inacabado. Com os recursos de comunicação à distância disponíveis no universo digital e global, esta interação, suas formas, técnicas, resultados e implicações, se ampliam muito além do local, da presença física, das restrições geográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações na busca da composição digital local, contextualizada e de caráter coletivo já são uma realidade inserida nos processos formativos da instituição. O estágio atual da implementação dos componentes curriculares na modalidade à distância nos cursos presenciais ainda é uma iniciativa pequena em relação às dimensões da instituição, mas é algo que traz em si a perspectiva de concretude, de algo que veio para fundamentar a compreensão sobre o que é educar a partir das possibilidades atuais que as tecnologias da informação e comunicação nos proporcionam e através do ímpeto criativo e autônomo dos nossos docentes e discentes. Algo aqui está sendo forjado que se diferencia do mero sentido utilitário, algo que se relaciona com a *práxis* pedagógica, com o fazer, com o aprender compondo. Esse é o anseio de todos que trabalham e discutem a educação à distância na UNEB. As perspectivas são de formação de uma cultura da autonomia para permear cada vez mais o processo formativo da comunidade acadêmica com composições que emergem do seu próprio contexto, de forma colaborativa diminuindo as distâncias físicas e de postura entre os sujeitos dessa comunidade.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei nº. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Brasília, DF, 1996. 20p.

GADOTTI, Moacir.. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo em Perspectiva 2000.

LÉVY, Pierre. **A Ideografia Dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LIMA Jr, Arnaud Soares. **Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet; Juazeiro, BA: FUNDESF 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Portaria nº 4.059**, de 10 de dezembro de 2004. Brasília, DF, 2004. 2p.

MIRANDA, Dayse L. SALES, Kathia & M. LUZ, Danila V. **Oferta de Componentes Curriculares na Modalidade Semi-Presencial: a Experiência do Ensino de Libras nos Cursos Presenciais de Graduação da UNEB**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 20.; 2011, Manaus. **Anais**, 2011.

MORAN, José Manuel. **Os modelos educacionais na aprendizagem online**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/textosead.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2011.

MORIN, Edgar. **O Método 3: o conhecimento do conhecimento**. 4ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. 3ª Ed. São Paulo: TRIOM, 1999.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores**. 7ª ed São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RECEBIDO EM 01 DE MARÇO DE 2012.

APROVADO EM 10 DE MAIO DE 2012.